



Do idílio à redenção: cenas de leitura n'As pupilas do Senhor Reitor

Simone Land*

Resumo: Nesse artigo são estudadas as representações da leitura na literatura, mais especificamente, no romance português *As pupilas do Senhor Reitor*, escrito por Júlio Dinis e publicado em folhetim em 1863. O principal objetivo é investigar práticas comuns de leitura do século XIX, que aparecem na obra e revelam valores sociais para essas práticas, não só por meio da análise do texto, mas também por meio de um olhar atento às ilustrações feitas pelo aquarelista Roque Gameiro. O estudo dessas cenas é realizado à luz da História da Leitura e esboça a relação entre leitura e redenção, bem como entre leitura e costura, especialmente quando se trata de uma leitora no século XIX.

Palavras-chave: Práticas de leitura; Literatura Portuguesa; Júlio Dinis.

Abstract: In this article it is studied the representations of reading in Literature, more specifically, in the Portuguese novel *As Pupilas do Senhor Reitor*, written by Júlio Dinis, first published in feuilleton, in 1863. The main objective is to investigate common reading practices from XIX century, which appear in this novel and reveal social values for those practices, not only by analyzing the text, but also through a close look at the illustrations painted by the aquarellist Roque Gameiro. The study of those scenes is enlightened by Reading History and it drafts a relation between reading and redemption, as well between reading and needlework, especially when it comes to a woman reader in the XIX century.

Keywords: Reading practices; Portuguese Literature; Júlio Dinis.

1 A leitura em cena

Quando nos perguntamos a respeito de como se dá, ou como se deu, a circulação de textos, de suas leituras, bem como das distintas materialidades da produção escrita – dentre elas a do livro –, estamos estudando leitura, assunto que tem despertado interesse nos estudos literários.

Tendo em vista as mudanças diante das quais nos encontramos – do livro à tela – em *A Ordem dos Livros*, Roger Chartier retoma o percurso da leitura em função de seus suportes. Dentre as *mutações fundamentais*, ele aponta as que envolvem o corpo no ato de ler, como a passagem da leitura oral para leitura silenciosa. Essa transformação é associada à inovação de seu suporte, o qual passa a apresentar as palavras separadas uma das outras por um espaço. Assim, na Idade Média, a leitura visual e, desse modo, silenciosa, extrapola os mosteiros, chegando às escolas, às universidades, e, por volta do século XIV, às aristocracias leigas.

Chartier faz a ressalva de que a prática da leitura em voz alta, na Antiguidade, não era determinada pela total incapacidade da leitura visual, mas estava vinculada a uma “convenção

* Graduanda do curso de Letras Licenciatura na UFRGS, bolsista PET.

cultural que associa fortemente o texto e a voz, a leitura, a declamação e a escuta” (p. 98). Mesmo depois de consolidada a leitura visual dentre os letrados, entre os séculos XVI e XVIII, a prática da leitura em voz alta permaneceu e foi caracterizada como “cimento fundamental de diversas formas de sociabilidade familiar, erudita, mundana ou pública, e o leitor que visa a vários gêneros literários ou é um leitor que lê para os outros ou é um ‘leitor’ que ouve ler” (CHARTIER, 1999, p. 98). Essa prática é retratada em cenas do romance *As Pupilas do Senhor Reitor: Crônicas da Aldeia*, de Júlio Dinis, as quais apresentaremos mais adiante.

Outra mudança nos modos de leitura, apontada por Chartier, a partir de estudos de teóricos como Engelsing, diz respeito ao estilo de leitura. Conforme tais estudos, a partir do século XVIII, houve uma transição da leitura “intensiva” para a “extensiva”, sendo que:

O leitor ‘intensivo’ é conformado a um corpus limitado e fechado de textos, lidos e relidos, memorizados e recitados, ouvidos e conhecidos de cor, transmitidos de geração em geração (...)
O leitor ‘extensivo’(...) consome impressos numerosos e diversos; ele os lê com avidez e velocidade; ele exerce em seu lugar uma atividade crítica que não se omite frente a qualquer domínio ou dúvida metodológica (CHARTIER, 1999, p.100).

Mais uma vez, o autor faz as devidas ressalvas e coloca tal diagnóstico em discussão, citando os letrados humanistas como exemplo de leitores “extensivos” de uma época em que se primava a leitura “intensiva”; e, no movimento contrário, cita o caso da “revolução da leitura”, em que, com autores como Rousseau, Goethe e Richardson, é desencadeada “a mais ‘intensiva’ das leituras, aquela por meio da qual o romance conquista o seu leitor, o prende e o governa, como antes fazia o texto religioso” (CHARTIER, 1999, p. 100). Ele chama a atenção ainda para a leitura que permanece como prática rara, difícil, ligada à memorização de textos que acabam por se tornar familiares aos numerosos leitores humildes.

Embora o autor pondere quanto à oposição dos dois estilos de leitura, considera que, de fato, houve uma “revolução da leitura” no século XVIII, principalmente, em função de seus suportes. Com a imprensa a todo vapor, houve a redução do preço dos livros, bem como a proliferação de publicações, de jornais, de sociedades de leitura, de bibliotecas. Segundo ele, isso representou uma ameaça política ao promover distanciamentos críticos.

Como pondera Chartier, diferentes estilos de leitura convivem em uma mesma época. Seriam esses distintos modos de ler representativos em uma mesma comunidade? Ou ainda, em um mesmo leitor?

Em *Práticas da Leitura*, Chartier relaciona os estudos da distribuição de livros com a sua proposta:

Os mesmos textos e livros são objetos de múltiplas decifrações, socialmente contrastantes – o que deve levar, necessariamente, a completar o estudo estatístico de suas distribuições desiguais com aquele de seus usos e empregos. Acrescentar, portanto, ao conhecimento das presenças dos livros aquele das maneiras de ler. (CHARTIER, 1998, p.79)

A leitura, por sua vez, entra em cena na literatura e revela suas práticas sociais, bem como sentidos co-construídos por e para essa prática. A literatura, assim, faz-se campo propício para investigar as maneiras de ler, de que fala Chartier. Isso, se considerarmos, por exemplo, o que propõe Wolfgang Iser, ao definir o fictício como expressão do imaginário por meio de um processo que envolve a seleção de elementos do mundo, da realidade, do contexto – e, portanto, das práticas sociais – combinadas no interior da obra. Sob essa perspectiva, entra em questão como se apresenta a leitura no século XIX, mais especificamente, em Portugal, por meio do que é retratado por Júlio Dinis, em *As Pupilas do Senhor Reitor*.

Ao tratar de *leitura na obra*, por que não antes falar das *leituras da obra*? O romance *As Pupilas do Senhor Reitor*, inicialmente impresso em folhetim, foi publicado em livro no ano de 1867. Quanto à obra de seu autor, Júlio Dinis, como um todo, Carlos Reis a situa em um lugar de fronteira. Segundo ele, na produção do autor, são expressos tanto um “remanescente idealismo tardo-romântico”, quanto uma “orientação para uma realidade social em mudança, no limiar do realismo literário”. Além disso, destaca que, embora a obra de Dinis tenha dezenas de edições e adaptações, sua leitura tem sido condicionada por um “estigma idealista”. Eça de Queirós, por exemplo, a respeito de Júlio Dinis, lançou a expressão “viveu de leve, escreveu de leve, morreu de leve”. Já no âmbito político, *As Pupilas do Senhor Reitor* caiu nas graças do salazarismo, sendo mais do que aprovada: recomendada, não só no contexto escolar, mas também no cinema, o que deixa suas marcas nas leituras posteriores.

A respeito da adaptação cinematográfica *d’As Pupilas do Senhor Reitor*, fez-se a seguinte declaração pelos então censores:

A Inspeção Geral dos Trabalhos ao visar o filme *As Pupilas do Senhor Reitor* louva a firma Tobis Portuguesa e todos aqueles que intervieram na realização desta obra que levará aos Portugueses dispersos pelo mundo uma bela expressão de arte nacionalista que firmemente os ligará à Pátria comum.

Há na obra uma preocupação em representar o espaço geográfico, rural, bem como tradições folclóricas – a esfolhada, por exemplo –, o que explica o nacionalismo louvado pela Inspeção Geral dos Trabalhos.

Quanto à afirmação de Eça, talvez essa leveza de que ele fala tenha sido reforçada pela Edição Monumental de *As Pupilas do Senhor Reitor*, ilustrada pelo aquarelista Roque

Gameiro. Isso se chamarmos de *leve* o que caracteriza as aquarelas: suas cores suaves, aguadas, seus traços delicados.

Tendo comentado alguns aspectos da leitura da obra, sigamos para as cenas de leitura na obra.

2 Leitora: do idílio à redenção

2.1 O Idílio

Ainda no início da trama, há a seguinte cena:

A pequena, sentada junto de uma pedra informe e musgosa, folheava com atenção um livro, dirigindo, de tempos a tempos, meios sorrisos para Daniel, que, deitado aos pés dela, de braços, com os cotovelos fincados no chão e o queixo pousado nas mãos, parecia, ao contemplar embevecido os olhos da engraçada criança (...) Jaziam ao lado dos dois uma roca espiada e os livros de Daniel.

(...) Este grupo, apesar de toda a sua beleza artística (...) não agradou de maneira alguma ao reitor, que com um franzir de sobrolho, mostrou claramente a contrariedade que ele lhe fazia experimentar. (...) A pequena, que estivera por muito tempo inclinada sobre o livro, como a lutar com alguma dificuldade de leitura, que procurava vencer por si, acabou por fazer um gesto de impaciência, e, apontando com o dedo a palavra da dúvida, colocou a página diante dos olhos de Daniel, perguntando-lhe:

- Isto que quer dizer?

Daniel olhou por algum tempo para o livro, e afinal respondeu:

- Cataclismo.

- E que vem a ser cataclismo?

Daniel ficou embaraçado. A falar verdade, ele não sabia bem o que era cataclismo. Não teve coragem para o dizer francamente e titubeou:

- Cataclismo...sim...cataclismo é...sim... Eu sei o que é... agora para to dizer é que... Cataclismo!...

O reitor, apesar da posição crítica em que estava, não deixou de se zangar lá consigo, ao ver um discípulo seu não poder desenredar-se de tais dificuldades filológicas.

Margarida, que era este o nome da pequena, adivinhou a causa da hesitação de Daniel e delicadamente lhe pôs fim, olhando outra vez para o livro e continuando a estudar em silêncio.

Daí a pouco voltou, porém, a consultar o seu pequeno mestre.

- E isto? Como se lê?

- Metempsicose – foi a resposta de Daniel.

- E o que vem a ser?

Desta vez o embaraço de Daniel era maior. Nunca ele soubera o que fosse metempsicose, e, como pela segunda vez se via pilhado em falso, perdeu a paciência. Saiu dos apertos como alguns professores em casos análogos.

- Ora! Isso é uma coisa que leva muito tempo a explicar.

Margarida resignou-se a não entender.

Uma terceira interrogação. Desta vez foi a palavra pragmática que a originou.

Daniel estava em maré de infelicidade. Esta acabou de o impacientar. Tirando o livro comprometedor das mãos da discípula, disse com certo despeito mal encoberto:

- Deixa-te de estudar, Margarida; não estou agora para isso. (DINIS, 1979, p.18-19)

Em um primeiro momento, Daniel fica embevecido ao contemplar Margarida, ou Guida, como leitora, folheando o livro. Mais adiante, quando surgem as dúvidas em relação às palavras desconhecidas por ela (e como fica evidente, ignoradas também por ele), o livro passa a ser *comprometedor*. O objeto que por tantos séculos tem sido símbolo do saber, em tal situação adquire um caráter negativo para seu proprietário, por ser revelador de um não saber dele, isto é, de sua ignorância. É representada nessa cena também a postura feminina relacionada tanto à sensibilidade como à resignação. Margarida quer saber – *estivera por muito tempo inclinada sobre o livro, como a lutar com alguma dificuldade de leitura, que procurava vencer por si* – e, logo depois, diante do argumento de Daniel, *resignou-se a não entender*.

A cena é descrita como *idílio infantil*, mas, por meio das palavras que são apresentadas como dúvidas: *cataclismo, metempsicose e pragmática*, é possível concluir que a leitura que se dá ali se distancia do que se tem considerado “literatura infantil”, isto é, literatura dirigida especificamente a crianças.

Analisemos a ilustração de Roque Gameiro para a Edição Monumental do romance:



Na interpretação da cena pelo aquarelista, observamos a leitora em foco, em vermelho, enquanto o restante da pintura mantém-se em tons de verde, marrom e amarelo, colocando em um mesmo plano: a natureza morta, as ovelhas, o cachorro e Daniel. Enquanto o cachorro

cuida as ovelhas, Daniel dirige o olhar a Margarida, tendo o rosto apoiado nas mãos, o que revela tamanha atenção e tempo dedicados à contemplação da leitora, e ela olha para o livro em mãos, apoiando-o nas pernas.

Há uma mobilização do corpo da menina, que, sentada sobre a pedra, curva-se para a leitura, o que reforça a ideia de que ela assume uma postura investigativa diante do livro, enquanto ele demonstra estar interessado em contemplá-la enquanto leitora, ou ainda, discípula. Mesmo em posição de aprendiz, ela está representada em um plano superior e ao mesmo tempo mais rígido, sentada sobre a pedra, ao passo que ele está deitado no chão, em um gesto mais descansado.

Essa austeridade na representação da leitura feminina na figura de Margarida pode ser encarada como um contraponto à languidez que aparece em representações do mesmo período, como a de Jean-Baptiste Camille Corot:



Seria a austeridade na leitura feminina uma das razões do agrado da obra aos censores do salazarismo?

2.2 O percurso

Mais adiante na trama, o narrador comenta o amadurecimento da Margarida como leitora:

Margarida tinha uma educação pouco vulgar para a sua condição. Várias circunstâncias haviam gradualmente concorrido para lha aperfeiçoar. Daniel fora, como sabemos, o seu primeiro mestre, e, quando outra razão não houvesse, as saudades que a vista e a leitura dos livros ainda lhe causavam, lembrando-lhe aquele tempo, levá-la-iam a procura-los com prazer. Seguiria-se a Daniel o reitor, conforme ao que prometera ao discípulo. Vendo o padre a inclinação da sua pupila para a leitura, fazia-lhe, de quando em quando, alguns presentes de livros, depois de passar pela crítica dos seus rígidos princípios morais, e julga-los salutares. Margarida lia-os com ardor, e, pouco a pouco costumou-se a lê-los com reflexão também. Não sendo muito abundantes as bibliotecas da terra, era obrigada a reler, mais do que uma vez, os mesmos livros – o que é sempre uma vantagem para a instrução colhida neles.

Além do interesse crescente que ia encontrando na leitura, um motivo mais oculto lhe alimentava esse ardor – motivo que ela própria quase ignorava, ou pelo menos não dizia a si. – Como que desta forma se aproximava de Daniel.

(...) O que é certo é que a sede de saber devorava Margarida. O hábito da meditação, que adquirira, permitia à sua inteligência tirar grandes riquezas da pequena mina em que trabalhava.

Um acontecimento favoreceu ainda estas tendências.

Um dia, acolheu-se à aldeia, a viver vida de privações e de miséria, um destes desgraçados, a quem as ondas do mundo arrojaram naufragos e quebrantados à praia. Era um homem que saindo, criança ainda, daquela mesma aldeia, entrara, sob os sorrisos da sorte na vida das cidades. (...) Este homem sacudiu então a poeira dos seus sapatos à porta das cidades, onde sonhara meio século, e veio, tendo por único arrimo a consciência, procurar o tecto que, nu, o abrigara na infância e quase o recebia na velhice, como de lá saíra – tecto que nem já era seu. (...) O infortúnio chamou para junto do leito de miséria deste velho desanimado, estas duas mulheres. (...) Dos amigos, que tivera, só lhe restaram quatro; e esses lhe valeram. Eram quatro livros (...) Foi nestes livros que Margarida encontrou novos alimentos para a leitura. Não sei bem ao certo quais eram eles.

Estas leituras, dirigidas agora pela crítica esclarecida e o são juízo do pobre velho, valeram imenso a Margarida, que, dentro em pouco, chegou a uma cultura intelectual, a que nunca tinha aspirado.

Por isso, na ocasião de formar projetos, para se dignificar aos próprios olhos pelo trabalho, sorria-lhe principalmente a carreira do ensino. (DINIS, 1979, p.48 - 49)

Destacam-se aqui os mestres de Margarida, isto é, os mediadores de sua leitura: Daniel, Reitor e Velho. Apesar do interesse intelectual manifestado na leitura acompanhada por Daniel, o narrador descreve um interesse emotivo quando diz que as saudades levavam Guida a *procurá-los* (os livros) *com prazer*. Em seguida, o narrador trata da mediação criteriosa do Reitor, que a presenteava apenas com livros que passassem pela *crítica dos seus rígidos princípios morais* e que fossem julgados *salutares*, o que pressupõe a existência de livros não salutares, prejudiciais a saúde, ao menos à de moças como Margarida. O narrador marca uma passagem da leitura calorosa para a reflexiva, o que ele relaciona com a releitura das mesmas obras, relacionada ao repertório reduzido em função da escassez de bibliotecas. Ao que parece, as poucas bibliotecas existentes não chegam a ser acessíveis a Margarida, sendo a seleção do seu repertório de leitura realizada por seus mediadores.

O velho que aparece no enredo também tem essa função, não só de definir o repertório – os quatro livros de que dispunha – como também de mediar a apreciação crítica, visto que essas leituras eram *dirigidas agora pela crítica esclarecida e o são juízo do pobre velho*.

Tendo descrito a formação da leitora, o narrador expõe os projetos de Margarida de ensinar, sendo que, a partir daí, será ela quem mediará a leitura de outrem.

2.3 A Redenção

Encaminhando-se para o final da trama, a transformação da personagem Daniel perpassa uma 'lição de leitura' de Margarida. Nessa cena, há um profundo envolvimento da personagem com o texto bíblico ao comentar a leitura desse por uma de suas alunas:

Diz isto mesmo a história que leste. Jesus Cristo falava ao povo de maneira que o povo todo o entendesse; por isso lhe contou a história do filho pródigo. O céu é também a casa do pai onde se recebem, com festas e alegrias, os pecadores arrependidos, esses filhos pródigos do Senhor (...) Margarida, depois de breve pausa prosseguiu, como deixando-se levar pela corrente dos pensamentos e, falando mais para si do que ainda para as crianças, que a escutavam: - cada alma perdida, que se arrepende, é uma vitória do nosso anjo da guarda sobre o espírito do mal. A paixão, que nos trazia cega, deixa-nos enfim (...) Margarida dissera estas palavras pausada, serenamente, e com tanta unção religiosa, que Daniel sentiu-se comovido. Olhou para o reitor, viu-o atento, imóvel; o padre parecia estar escutando ainda aquela voz, que o prendia, como se pregasse doutrina nova e diversa da que tantas vezes ele próprio proclamara do altar à leitura dos Evangelhos. (DINIS, 1979, p.223)

Essa cena revela não só o envolvimento da personagem feminina com o texto lido, mas também os efeitos de sentido dessa leitura nas personagens masculinas que mediarão a sua formação como leitora: Daniel e o reitor. Daniel percebe-se comovido e, conforme o enredo do romance, está em vias de modificar a sua postura, ao apaixonar-se por Guida. O reitor chega a comparar o próprio modo de se relacionar com a leitura com o da moça.

No romance *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, há uma cena que, de certo modo, dialoga com essa. Os dois romances foram publicados em datas próximas, o de Dinis em 1863 e o de Dostoiévski em 1866. Pode parecer inverossímil tal aproximação, mas parece que há algo de comum entre Margarida e a personagem Sonia de *Crime e Castigo*: a trajetória de leitora por meio de empréstimos de livros, o profundo envolvimento tanto em uma cena de leitura bíblica, como na redenção de seus pais, no caso, Daniel e Rodion. Em *Crime e Castigo*, como é de se esperar, tudo isso se dá de modo mais intenso do que n'*As Pupilas do Senhor Reitor*, como expressa o narrador na referida cena:

Ela se aproximava da narrativa do maior e mais inaudito milagre, e um sentimento de grande solenidade a possuía. A sua voz tornou-se vibrante, metálica; o entusiasmo e a alegria ressoavam na sua voz e apoiavam-na. As linhas confundiam-se diante dos seus olhos, porque estes se lhe nublavam de lágrimas; mas ela sabia de cor o que ia lendo; quando chegou ao último versículo: "Não podia Este, que abriu os olhos do cego?", baixando a voz, ela exprimiu ardente e apaixonadamente a dúvida, a censura e a maldade dos incrédulos (...) que logo a seguir, um minuto depois, apenas, como feridos por um raio, iam tombar por terra, romper em soluços e acreditar... "E ele, ele também, cego e incrédulo, também ele ouvirá imediatamente e também acreditará, sim, sim. Agora mesmo!", sonhava ela, e tremia na sua jubilosa expectativa. (...)O coto da vela acabava de consumir-se no castiçal torcido e iluminava fracamente aquele cômodo miserável, onde um assassino e uma prostituta se haviam tão estranhamente unido para lerem o Livro Eterno. (DOSTOIEVSKI, 2010, p.70)

Leitura e redenção, ao que parece, andavam juntas em meados do século XIX não só em Portugal, mas também na Rússia.

3 Entre um ponto e outro

Voltemos à leveza das aquarelas de Gameiro, para analisar a sua interpretação da cena:



Em foco, no centro da pintura, há tanto uma cesta de costura em cima de um banco, com um livro fechado embaixo dele e outro aberto mais acima, em mãos da aluna que o lê. Margarida acompanha a leitura visualmente, isto é, direcionando o olhar para a página, enquanto algumas das alunas mantêm-se ocupadas em costurar, e outras direcionam o olhar para a leitora. De tal forma, há, na representação, uma harmonia entre ler e costurar ou bordar. Assim como leitura e redenção, ao que parece, leitura e costura também se entrelaçavam no século XIX, e do profundo ao superficial a leitura é perpassada por uma mesma linha.

Referências

CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Ed. da UnB, 1999.

DINIS, Júlio. *As Pupilas do Senhor Reitor*. Porto – PT: Companhia Editora do Minho Barcelos, 1979

DOSTOIEVSKI, Fiodor. Trad. FUSCO, Rosário. *Crime e Castigo*: volume II. São Paulo: Abril, 2010.